

---

# UM OLHAR FUTURISTA SOBRE *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO*

## *A FUTURISTIC LOOK ON BRAVE NEW WORLD*

---

Renata Rezende Menezes  

UFJF | [rrezendemenezes@yahoo.com.br](mailto:rrezendemenezes@yahoo.com.br)

Dossiê:

Fabulações e cenas especulativas



ORGANIZADORES:

Dr. André Luís Gomes



Dr. Pablo Gonçalo Martins



**CERRADOS**  
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

v. 33, n. 64, abr. 2024

Brasília, DF  
ISSN 1982-9701



FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 05/12/2023

Aceito em: 01/04/2024

DISTRIBUÍDO SOB



### Resumo/Abstract

O presente artigo objetiva analisar, a partir dos pressupostos teóricos do futurismo, alguns personagens do ambiente distópico da obra *Admirável Mundo novo* (1932), de Aldous Huxley, a fim de investigar aspectos dessa narrativa que se aproximam da atual sociedade do século XXI.

**Palavras-chave:** futurismo, distopia, sociedade.

The present article aims to analyse, based on the theoretical assumptions of Futurism, some characters of the dystopic environment of *The Brave New World* (1932), by Aldous Huxley, with the objective of investigating aspects of this narrative, which approach to the current society of the XXI century.

**Keywords:** futurism, dystopia, society.

## INTRODUÇÃO

Em *Admirável Mundo Novo* (1932), Aldous Leonard Huxley tece uma narrativa distópica com um tom fortemente satírico, fazendo uma irreverência crítica às vanguardas e ao progresso tecnológico. Num futuro distante, a população é dividida em castas na grande Londres. Nessa distopia social, as pessoas nascem dos tubos de ensaio pelo processo Bokanovsky, que mantém a estabilidade da sociedade. Os indivíduos, fabricados por meio da produção em série, são programados para exercer determinadas tarefas, não podendo mudar sua posição e função sociais. A partir dos pressupostos teóricos do futurismo, este trabalho objetiva então analisar alguns personagens do ambiente distópico de *Admirável Mundo novo*, a fim de investigar as características desses personagens e alguns aspectos dessa narrativa que se aproximam da atual sociedade do século XXI.

## AS IDEIAS FUTURISTAS DA MODERNIDADE

A Modernidade configurou um momento histórico, firmado principalmente a partir do século XX e caracterizado por grandes transformações, entre elas o progresso técnico e sua consequente mudança nos hábitos de vida da sociedade. A noção do novo e do passageiro passou a ser muito contundente e o crescimento cada vez maior da tecnologia tornou-se constante, influenciando o modo de as pessoas viverem e se relacionarem.

No que concerne aos movimentos literários, havia desde o século anterior, um desejo de mudança em busca de inovação e aventura; algo inédito que recusasse os modelos tradicionais e refletisse todas as transformações que estavam ocorrendo. Dessa forma, os movimentos de vanguarda começaram a surgir, já no final do século XIX na Europa.

As vanguardas vieram para questionar o predomínio tanto do racionalismo, como do drama humano na literatura, com o objetivo de tirar a arte do lugar comum, de uma forma irracional. O artista e escritor modernos deveriam ser transgressivamente audaciosos e curiosos, baseando-se no princípio de ataque à tradição e valorizando, assim, o que era desprezado pelos eruditos. Surge, então, o Manifesto Futurista na Itália, em fevereiro de 1909, pelas mãos de Filippo Tommaso Marinetti, no qual ele instaura as premissas do reino da máquina, da violência, da velocidade e da guerra. Na visão de Gilberto Mendonça Teles (2002), o Futurismo foi um movimento que se caracterizou predominantemente por manifestos, exaltando a vida moderna, o culto à máquina e à velocidade e pontuando a destruição do passado e das expressões literárias e linguísticas tradicionais, como a sintaxe, por exemplo.

De acordo com o teórico Franco Berardi (2019), a ambiguidade foi um campo propício para essa vanguarda de destaque, uma vez que, ao mesmo tempo, que o futurismo se apresentava como uma utopia, o que ele retratava sobre o mundo industrial e a urbanização acelerada realmente figuravam como realidades prementes. A primeira linha de montagem de automóveis foi introduzida por Henry Ford em sua fábrica no mesmo ano do Manifesto Futurista (1909), com a finalidade de execução seriada do trabalho automatizado, no qual os operários passaram a realizar as ações de forma sincronizada e fragmentada, a fim de se obter, no final do processo, a produção completa do objeto carro. Essa tecnologia concebida pelo engenheiro Charles Taylor foi altamente inovadora em termos da industrialização mecânica do novo século. Berardi (2019, p. 14) sustenta que:

O Manifesto Futurista é um hino à modernidade explosiva cujos efeitos [...] estendem-se ostensivamente pelo mundo urbanizado e industrializado euro-americano. Os objetos que ele enfatiza e que transforma em valores estéticos e políticos são a máquina, a velocidade, a violência e a Guerra.

O autor ainda destaca que a explosão do futurismo, na Itália e França, ocorreu como uma reação e um desejo de desenvolvimento industrial muito grandes, já que eram países bastante arraigados em suas tradições culturais e políticas. Porém, segundo o escritor, o futurismo não deve ser considerado apenas como uma reação a esse estado de subdesenvolvimento, mas sim como o ativador de uma “energia estética” (BERARDI, 2019, p. 15) que se alastrou por vários canais da cultura:

“devemos vê-lo como a alma estética de uma fé no futuro que permeia profundamente o espírito do capitalismo moderno.” (BERARDI, 2019, p. 15).

Teles (2002) acrescenta que como movimento efêmero, o futurismo exaltava a destruição do passado e a beleza da velocidade rumo ao futuro, numa tentativa de fugir do presente, porém sem abandonar o plano mundano. Já na visão de Marjorie Perloff (1993), o Manifesto de Marinetti soa como um recrutamento, no qual o “nós” comunal convida e agrega as pessoas por meio do seu discurso pautado na violência e precisão, que segundo ela, perfazem a fórmula do poeta:

A “amante ideal” da poesia romântica e simbolista dá lugar à *macchina* do poeta [...], capaz de atirar cães de guarda contra as soleiras das portas, enroscá-los sobre nossos pneus esquentados como colarinhos sob ferros de engomar” (PERLOFF, 1993, p. 162).

A máquina exaltada pelos futuristas é concebida como exterioridade, que de acordo com Teles (2002, p. 16), significa a máquina “pesada”, “ferruginosa e volumosa”, a qual representa as entidades trabalhando de maneira coordenada para atingir uma certa finalidade: “a máquina visível no espaço urbano e no espaço da fábrica e da rua” (2002, p. 16). Assim, o corpo-mente das pessoas deveria ser controlado por normas e instituições, a fim de se submeterem à sincronização do ritmo das máquinas. Pode-se observar então que, na alta Modernidade, a relação máquina e humano se estreita a tal ponto que a mecanização do trabalho leva à conseqüente mecanização do indivíduo.

Outros pontos conclamados por essa vanguarda foram a velocidade e a aceleração, agentes considerados fundamentais no capitalismo moderno, visto que a produtividade cada vez maior constituía um fator essencial para a expansão econômica. Teles (2002) também argumenta que a Guerra postulada por Marinetti era a guerra da audácia, aquela responsável pela higiene do mundo; utópica e anacrônica, que enaltecia o heroísmo e a competência masculinos, muito diferente das guerras tardo-modernas que vieram posteriormente, exterminando milhares de civis nos campos de concentração.

O desprezo pela mulher também figurava na agenda dos futuristas, como forma de se libertar do feminino que, para eles, simbolizava fragilidade, ternura, e era, por conseguinte, um entrave ao discurso da violência e da agressividade, indispensáveis à potência produtiva da modernização. Berardi (2019) afirma que o desprezo pela mulher provem do princípio de competitividade que passa a dominar o imaginário político e econômico da Modernidade: “O que quer dizer desprezo pela mulher? É o desprezo que o futurismo experimenta em relação ao que reduz a potência produtiva e, em última análise, agressiva”. (2019, p. 27).

A euforia futurista considerava a máquina uma grande aliada capaz de conduzir a humanidade não só ao futuro, mas principalmente à possibilidade do gozo do ócio. Os seguidores de Marinetti acreditavam veemente que as máquinas substituiriam o trabalho do homem e, desse modo, o mesmo passaria a dispor de mais tempo para gozar de seus prazeres.

Sob o ponto de vista de Berardi (2019, p. 67), a palavra vanguarda “indica também o sentido da abertura e da prefiguração de um outro futuro possível no horizonte histórico”. O autor afirma que, por isso, pode-se depreender que as noções de vanguarda e utopia estão historicamente conectadas, principalmente em relação ao início do século XX, que apostou nesse futuro utópico.

Para ele, no entanto, a utopia, além de ser um horizonte, o qual não somos capazes de alcançar, realizou-se, na prática, de maneira contrária aos ideais da vanguarda:

A realização das utopias do século XX teve geralmente a marca do totalitarismo e da violência. A utopia da máquina do futurismo italiano se transformou na modernização alienada do taylorismo fordista, da repetição automática de gestos sem liberdade. A utopia da comunidade vanguardista se transformou na realidade totalitária do fascismo. [...] Até que, no final do século que tinha acreditado no futuro, a utopia perde força e surge uma percepção oposta do iminente, do inexorável, do inevitável, uma percepção distópica (BERARDI, 2019, p. 68).

As distopias produzidas no século XX vieram para retratar de forma ficcional um futuro terrível, opressor e deliberadamente totalitário; podemos considerá-las como o resultado exagerado e negativo dos sonhos utópicos que imaginavam uma sociedade perfeita, com sonhos irreais e seres humanos infalíveis. Theodore Dalrymple (2015, p. 137) sustenta que as distopias descrevem um ambiente político e moral de maneira profética e exagerada, partindo de “tendências sociais significativas” relacionadas ao progresso e às angústias de nossa época. Os distópicos enxergam o futuro com o pessimismo dos que creem que quanto maior o domínio da tecnologia sobre a natureza, menor o controle do homem sobre si mesmo.

## ADMIRÁVEIS PERSONAGENS DO MUNDO NOVO

Aldous Leonard Huxley demonstra em *Admirável Mundo Novo* (1932) uma sociedade de condicionamento moral, na qual os valores humanos foram abolidos e ninguém tem acesso ao conhecimento intelectual, a não ser o grande líder Ford e seus administradores. Todos vivem de forma estável e aqueles pertencentes à mesma casta são iguais, tanto físico como emocionalmente. Os Alfas e os Betas encontram-se no topo da pirâmide e os Gamas, Deltas e Ípsilons localizam-se em posição inferior; os que perfazem a mão de obra grosseira desse arranjo social. Qualquer oscilação de humor e de sentimentos são estabilizadas pelo soma, a droga da felicidade, que anestesia a tristeza e os pensamentos “ruins”. Dessa forma, ninguém passa por dificuldades físicas e emocionais.

A narrativa de Huxley nos apresenta uma sociedade poligâmica, do amor livre, na qual as relações românticas duradouras são proibidas e onde não existe núcleo familiar. Há uma correlação de muitos acontecimentos do livro com os ideais do Movimento Futurista, o qual conclamava a abolição do eu, do romantismo e do drama humano, priorizando o progresso social em detrimento do indivíduo. Segundo Dalrymple (2015, p. 140), a história descreve “um regime sexual que se assemelha cada vez mais ao que temos em nossos dias”.

As crianças dessa sociedade, desde cedo, eram treinadas e submetidas aos jogos eróticos, a fim de acompanharem as demandas de “produção e progresso”. Se alguém saísse fora desse modelo de treinamento, ou ousasse “pensar” de modo diferente, como aconteceu com um garoto de dez anos que não quis se entregar aos jogos eróticos com uma garotinha, era considerado um desviado e deveria consultar um psicólogo, uma vez que seu comportamento não se encaixava nos padrões esperados.

Dalrymple (2015, p. 140) também reitera que “essa é uma situação em direção à qual parece que estamos rapidamente caminhando”, visto que podemos observar que a educação sexual tem sido estimulada cada vez mais precocemente nas escolas e na televisão, fortes condicionadores da erotização do público jovem nos dias de hoje. O autor acrescenta que “no passado, as primeiras experiências sexuais dos jovens vinham acompanhadas de culpa; agora é a vergonha que acompanha a **falta** dessas experiências” (DALRYMPLE, 2015, p. 140).

*Admirável Mundo Novo* revela como a vida permissiva e o estímulo à sexualidade precoce eram sinônimos de desenvolvimento, o que pode ser confirmado na passagem em que o diretor do Centro de Incubação e Condicionamento conta aos jovens aprendizes sobre como as relações no passado eram “obscuras”:

— O que lhes vou contar, agora, poderá parecer inacreditável. Mas é que, quando não se conhece a História, os fatos relativos ao passado, em geral, parecem mesmo incríveis.

Revelou a espantosa verdade. Durante um período muito longo antes de Nosso Ford, e até no decurso de algumas gerações posteriores, os brinquedos eróticos entre as crianças eram considerados anormais (houve uma gargalhada); e não apenas anormais, mas realmente imorais (não!); e eram, portanto, rigorosamente reprimidos.

A fisionomia de seus ouvintes tomou uma expressão de incredulidade espantada. O quê? As pobres crianças não tinham o direito de se divertir? Não podiam

acreditar.

[...]

— Mas, então, o que acontecia? — perguntaram. — Quais eram os resultados?

— Os resultados eram terríveis (HUXLEY, 2014, p. 53-54).

Os núcleos familiares eram claramente refutados por esse admirável mundo, o que também se aproxima dos postulados do Futurismo, o qual atacava, concomitantemente ao desprezo pela mulher; a moralidade sexual, o casamento e a estrutura familiar, considerando-os “as principais causas da castração repressiva tanto do indivíduo masculino como do feminino” (BOZZOLLA; TISDALL, 1977, p. 153)<sup>1</sup>. Na narrativa, um dos líderes mundiais, Mustafá Mond, comenta que Freud já havia revelado os perigos espantosos da vida familiar:

— Nosso Ford — ou Nosso Freud, como, por qualquer impenetrável razão, ele gostava de se chamar quando falava de questões psicológicas -, Nosso Freud foi o primeiro a revelar os tenebrosos perigos da vida familiar. O mundo estava cheio de pais e, por consequência, cheio de miséria; cheio de mães e, por consequência, de toda a espécie de perversões, desde o sadismo até à castidade; cheio de irmãos, de irmãs, de tios, de tias — cheio de loucura e suicídio (HUXLEY, 2014, p. 60).

Ao se referir ao lar, Mustafá o descreve como uma prisão habitada por um homem e uma mulher “periodicamente prolífica”, com um bando de filhos, sem espaço e sem ar “uma prisão insuficientemente esterilizada; a obscuridade, a doença, os odores” (HUXLEY, 2014, p. 58) e prossegue discorrendo sobre esse lugar como uma toca de coelhos com intimidades sufocantes e relacionamentos perigosos entre os membros familiares.

Dalrymple (2015) argumenta que a palavra “mãe” e “pai”, além de obscenas, eram consideradas inconvenientes nesse mundo novo, enfatizando que Huxley “foi capaz de transmitir o horror de um mundo onde “todos pertencem a todos” e ninguém poderia construir qualquer ligação profunda com ninguém” (2015, p. 142).

Nesse admirável mundo, a ideia de gratificação imediata, sem obstáculos, também vigorava: “Alguém dos senhores já foi obrigado a esperar um longo intervalo de tempo entre a consciência de um desejo e sua satisfação?” (HUXLEY, 2014, p. 67). Um rapaz responde, então, que certa vez teve que esperar cerca de quatro semanas para “possuir” uma moça e que isso havia sido uma experiência horrível, fora do comum. Dalrymple (2015) prossegue pontuando que, de acordo com a visão depreciativa de Huxley sobre a humanidade, essa maneira de viver com gratificação instantânea descrita no livro resulta em indivíduos infantis, superficiais e egoístas, incapazes de suportar a solidão. Essa boa vida, sem dificuldades e empecilhos, parece estar em compasso com os pressupostos futuristas da velocidade e aceleração, da não espera para se ter a valorização do que é conquistado; tudo isso trabalhando de forma concatenada com o progresso social desenfreado.

Ainda no que diz respeito aos relacionamentos, a personagem Lenina Crowne ilustra bem a superficialidade das relações humanas no enredo. Considerada uma mulher pneumática pelos homens, como todas as fêmeas daquela sociedade, ela era treinada para estabelecer relações sexuais não duradouras com vários machos, desempenhando seu papel de mulher poligâmica e desapegada aos sentimentos. Em uma conversa com sua amiga Fanny, Lenina fica espantada pela possibilidade de a amiga precisar não se relacionar sexualmente nos próximos três meses por motivos de saúde. Em contrapartida, a amiga também a repreende por estar saindo há algum tempo com o mesmo homem, Henry Foster:

— Mas, afinal de contas, — protestou Lenina —, faz apenas uns quatro meses que ando com Henry.

1. No original: “[...] sexual morality, marriage and the structure of the family as the main causes of the repressive castration of the individual, male and female”.

— *Apenas* quatro meses! Essa é boa! E, além disso — continuou Fanny, apontando-lhe um dedo acusador —, não houve mais ninguém durante todo esse tempo, não é? (HUXLEY, 2014, p. 62).

E Fanny mantém esse diálogo, de maneira franca, observando que Lenina deveria se cuidar e enfatizando a questão de que permanecer tanto tempo com o mesmo homem era muito terrível, intenso e prolongado. Isso não condizia com as premissas do fordismo. Ou seja, a família, a monogamia e o romantismo significavam a canalização da energia e dos impulsos para outros fins, o que atrapalhava o bem maior, que no caso, era a produção e o progresso da sociedade como um todo: “as rodas das máquinas têm de girar constantemente, mas não podem fazê-lo se não houver quem cuide delas” (HUXLEY, 2014, p. 64). E a filosofia da vida futurista e fordiana segue repetidamente na narrativa: “É preciso que haja homens para cuidar delas (das máquinas), homens tão constantes como as rodas nos seus eixos, homens são de espírito, obedientes, satisfeitos em sua estabilidade” (HUXLEY, 2014, p. 64).

O admirável mundo não possuía passado. Nele, as pessoas desconheciam e desprezavam os fatos antigos. Para começar, as roupas velhas eram repugnantes; vivia-se de acordo com o mote de que mais valia dar fim do que conservar algo, contribuindo com o consumismo exacerbado e sem limites. Um olhar voltado à cultura era abominável porque se acreditava, por exemplo, que não se podia consumir muita coisa se a pessoa permanecesse lendo livros e utilizando seu intelecto. Em certa altura da história, o diretor do centro de incubação, ao revelar aos seus alunos como a sociedade era estrategicamente montada a fim de se obter a estabilidade, refere-se à importância das campanhas contra o passado, ao fechamento dos museus e à destruição dos monumentos históricos, além da supressão dos livros. Essas palavras vão ao encontro dos princípios futuristas de Marinetti, em seu Manifesto de 1909, sobre eliminar o passado e destruir os museus e os monumentos que registrassem os acontecimentos históricos.

Ao próprio indivíduo não era permitido ficar velho; ele era preservado de doenças, as taxas das substâncias severamente controladas, o metabolismo estimulado de forma permanente, as secreções internas mantidas artificialmente no nível da idade jovem. Não havia doença nessa admirável sociedade. O soma, como já mencionado anteriormente, era a droga da felicidade, a qual continha “todas as vantagens do Cristianismo e do álcool; nenhum dos seus inconvenientes” (HUXLEY, 2014, p. 76). Assim, as pessoas podiam experimentar uma fuga da realidade toda vez que desejassem e retornar a ela sem nenhum problema.

Um personagem de destaque, que representa o contraponto nessa corporação social, era Bernard Marx. Bernard, um Alfa mais, não se enquadrava perfeitamente nos padrões e não era reconhecido socialmente por apresentar certas características físicas e emocionais que destoavam dos demais Alfas. Os outros indivíduos afirmavam que, no processo de sua produção, havia sido colocado álcool em seu pseudossangue e que isso provavelmente atingira seu cérebro:

Bernard dava suas ordens no tom brusco, um pouco arrogante e até ofensivo de quem não está muito certo de sua superioridade. Ter de tratar com representantes das castas inferiores constituía sempre, para Bernard, uma experiência penosa. Porque, fosse qual fosse a causa (e era bem possível que os rumores a respeito do álcool em seu pseudossangue tivessem fundamento — pois, apesar de tudo, acidentes como esse aconteciam), o físico de Bernard não era melhor que um Gama típico. Ele era oito centímetros menor do que a estatura normal dos Alfas e era proporcionalmente delgado. O contato com os membros das castas inferiores lembrava-lhe sempre, dolorosamente, essa insuficiência física [...] (HUXLEY, 2014, p. 88-89).

Essa “consciência” sobre si próprio, de ser um indivíduo à parte, constituía o elemento de sua inquietude e angústia, fazendo-o diferente das outras pessoas e levando-o ao pensamento melancólico e à reflexão: “Eu sou eu, e bem quisera não o ser; o sentimento do eu era nele intenso e aflitivo” (HUXLEY, 2014, p. 89). Bernard, portanto, raciocinava sobre vários aspectos

daquela sociedade que não lhe agradavam, o que também acabava por lhe gerar revolta e impotência. Helmholtz Watson, outro personagem, da mesma forma, sentia-se deslocado naquele arranjo social:

Sim, um pouco competente demais; eles tinham razão. Um excesso mental produzira em Helmholtz Watson efeitos muito parecidos com os que, em Bernard Marx, resultavam de um defeito físico. [...] A Helmholtz, o que dava tão penosa consciência de si mesmo e de estar totalmente só era um excesso de capacidade. O que esses dois homens tinham em comum era a consciência de serem individualidades. Mas enquanto Bernard, o fisicamente deficiente, sofrera toda a sua vida pela consciência de ser um indivíduo à parte, só recentemente Helmholtz Watson, tendo descoberto seu excesso mental, compreendera também o que o diferenciava das pessoas que o cercavam. [...], esse admirável homem de comitês, eminentemente sociável, percebera de súbito que o esporte, as mulheres e as atividades comunais não eram, no que lhe dizia respeito, senão coisas de secundária importância. Na realidade, interessava-se por outra coisa. Mas pelo quê? Pelo quê? Esse era o problema que Bernard viera discutir com ele, ou melhor- já que era sempre Helmholtz quem falava-, viera ouvir, mais uma vez, seu amigo discutir. (HUXLEY, 2014, p. 91)

Na verdade, o que Helmholtz vislumbrava consistia na possibilidade de escrever fora do condicionamento a que todos eram submetidos, fazendo uso da liberdade de seus próprios pensamentos. E isso era muito perigoso nesse mundo novo.

Em uma visita realizada à reserva selvagem, um lugar diferente e fora do admirável mundo, com valores e cultura peculiares de uma sociedade humana tribal, Bernard vislumbra a oportunidade de se vingar do seu diretor, quando descobre que ele era o pai de um selvagem dessa reserva, ou seja, havia tido um relacionamento com uma mãe vivípara por meios naturais. Essa, certamente, seria a pior revelação para os outros; o diretor do centro de incubação havia sido pai por meios naturais. A mulher com quem tinha se relacionado, Linda, fora abandonada e teve que ficar nessa reserva com o filho John porque não seria aceita pelas regras do mundo novo.

A partir daí, caminhamos para o clímax da narrativa. John, o selvagem, é convidado por Bernard a conhecer seu pai e o mundo distópico, no qual tudo funciona corretamente e todos os seres são felizes. O selvagem não é bem aceito em sua comunidade nativa, de ritos tribais, por ser branco e possuir ideais divergentes daquela cultura. Desse modo, John fica deslumbrado com o convite para ir para esse mundo considerado perfeito.

Adepto da literatura shakespeariana por meio de um velho livro encontrado na reserva onde havia nascido, ao tomar conhecimento da sociedade admirável, o bom selvagem, fazendo alusões frequentes a Shakespeare, fica cada dia mais perplexo com o mundo novo. Ele logo percebe o condicionamento moral a que todos são submetidos, e a opressão de um lugar onde a ninguém é permitido pensar e ser livre, e no qual os ideais de sexo, droga, prazer, consumo e tecnologia são impostos, sem o direito de acesso ao conhecimento e à sabedoria.

O personagem John nos leva a pensar que a história se mostra menos distópica que utópica, uma vez que a literatura, na figura do selvagem, parece ser, ao mesmo tempo que o lugar da inquietude, o de salvação também. Só por meio dela, ou seja, do conhecimento, é que o bom selvagem, em comunhão com as ideias de Helmholtz, acredita que os indivíduos do admirável mundo (que descobre não ter nada de admirável) podem obter a salvação. O fato de ele se rebelar contra aquele sistema nos motiva a crer que a literatura constitui o elemento utópico dessa distopia, visto que seria uma saída para desalienar os cidadãos do mundo novo, ao levá-los ao pensamento e conhecimento conscientes.

Ao se deparar com a alienação dos indivíduos, todos iguais e em busca desesperada pela distribuição do soma, John reage, como em várias passagens do texto, recorrendo à literatura:

O selvagem permanecia ali, contemplando a cena. “Oh, admirável mundo novo! Oh, admirável mundo novo!..” Em seu espírito, as palavras cantantes pareciam ter mudado de tom. Elas lhe haviam escarnecido na sua dor e no seu remorso; haviam-lhe escarnecido, e com que horrendo acento de zombaria cínica! Rindo como demônios, elas tinham insistido sobre a sordidez ignóbil, a fealdade nauseante daquele pesadelo. Agora, de repente, elas clarinavam um chamado às armas. “Oh, admirável mundo novo!” Miranda<sup>2</sup> proclamava a possibilidade da beleza, a possibilidade de transformar até mesmo aquele pesadelo em algo de magnífico e nobre. “Oh, admirável mundo novo!” Era um desafio, uma ordem (HUXLEY, 2014, p. 253).

No final, todos aqueles considerados deslocados do sistema, que, segundo o administrador “[...] por esta ou aquela razão adquiriram demasiada consciência de sua individualidade para poderem adaptar-se à vida comunitária [...]” (HUXLEY, 2014, p. 272), pagaram seu preço de alguma forma. Bernard, contrariado por não se ajustar aos padrões, foi enviado a mando do todo poderoso Ford para uma ilha e Helmholtz, por vontade própria, a um lugar frio, as ilhas Falkland, onde poderia pensar e escrever melhor.

No que concerne ao bom selvagem, desolado com a comunidade opressiva e sem valores humanos, ele escolhe se isolar em um farol abandonado, na tentativa de preservar sua privacidade, paz de espírito e liberdade. Foi em vão, pelo fato de que as pessoas do Admirável Mundo não mais deixavam as crenças, os valores e a liberdade de escolha de John em paz. Sentindo-se sem lugar e saída para se salvar, tanto na reserva selvagem quanto no mundo novo, a única alternativa encontrada por ele foi dar fim à sua vida. Na perspectiva de John Sutherland (2017), o mundo novo pode até criar uma visão de utopia, porém não uma utopia em que gostaríamos de viver. Em relação a Sutherland, esse autor discorre que o admirável mundo “não é para ele” (2017, p. 226), mesmo se rebelando e tentando mudar o pensamento das pessoas, o mundo novo “segue em frente com a mesma “felicidade” de antes; não precisa de bons selvagens e de Shakespeare” (2017, p. 226).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisarmos a obra em questão e seus personagens, torna-se necessário ponderar sobre alguns pontos da nossa sociedade que se aproximam da realidade distópica representada no livro.

Em relação à manipulação genética, em pleno século XX, pudemos observar “a olhos nus”, o avanço constante da ciência no que diz respeito ao controle dos genes humanos. No ano de 1996, houve a clonagem da ovelha Dolly, a partir das glândulas mamárias de uma outra ovelha adulta. Muitas previsões já se desenvolveram e conforme as assertivas de alguns autores, a visão de Huxley sobre o controle genético não estava nem um pouco distante. Sutherland, em 1938, já dissertava que apesar de o estado mundial estável do *Admirável Mundo Novo* ser improvável, muito além da fantasia; sob seu ponto de vista, o prognóstico de Huxley sobre a intervenção biológica era muito profético. Realmente o foi, tendo em vista o mapeamento do genoma humano e a fertilização *in vitro*, para citar apenas alguns. A grande pergunta que fica é o que a humanidade fará com o poder de fabricação do ser humano, como foi também salientado por Surtheland (2017).

No que diz respeito às relações humanas no século XXI, as considerações de Dalrymple (2015) permanecem muito válidas ao declarar que a educação sexual e a erotização estão sendo cada vez mais incentivadas pela mídia. Podemos observar que muitos jovens que não se adequam aos modelos de convivência e relacionamentos “amorosos” previstos pelas redes sociais e acabam sendo ou se sentindo excluídos dos grupos afins. Isso confirma o que foi mencionado previamente sobre a falta da experiência sexual trazer vergonha nos dias de hoje. Em seu prefácio de 1946, Huxley ratifica a questão da promiscuidade sexual não estar tão distante de seu tempo. O autor exemplifica comentan-

2. Miranda é um dos personagens principais de *The Tempest* (1610-11), de William Shakespeare. <<https://www.google.com/search?q=Miranda+shakespeare&oq=Miranda+shakespeare&aqs=chrome..69i57j0l7.4122j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em 06/01/219.

do que em algumas cidades dos Estados Unidos, naquele tempo, o divórcio e o casamento já se equiparavam em números e que, dentro de alguns anos, ele acreditava que haveria facilmente vendas de licenças para casamento. Exagero ou não, assistimos a várias relações humanas que parecem caminhar em direção às previsões de Huxley.

Podemos considerar que existem muitas ferramentas que desempenham o papel do *soma* na atual sociedade. São várias as promessas de drogas e remédios “milagrosos” que irão curar ou anestesiar as depressões e os males decorrentes da sobrecarga de informações e relações a que somos submetidos diariamente. A demanda para se ter uma vida perfeita é enorme, principalmente, ao nos espelharmos nas teias sociais alheias. Utilizamos uma gama de recursos artificiais para muitas vezes fugirmos da realidade ao nosso redor.

Como explicitado por Martins Filho (2003, p. 113): “[...] as crescentes opções de antipressivos e ansiolíticos, [...] considerados os carros-chefes da indústria da felicidade, metáfora usada para designar os bilionários negócios dos laboratórios farmacêuticos”. Aqui podemos acrescentar também o uso de drogas ilícitas como válvula de escape. Esse escritor ainda complementa que os expectadores recebem diariamente “produtos midiáticos embalados e distribuídos intensamente pelos meios de comunicação de massa” que passam mensagens “descontextualizadas, efêmeras e medíocres que resultam na própria nulidade daquilo que se supõe ser mais caro à humanidade, à inteligência” (MARTINS FILHO, 2003, p. 114). Esses últimos fazem, da mesma forma, os efeitos do *soma* do admirável mundo.

Retomando ao elemento utópico da obra, vimos que na história não havia uma morada ideal para o bom selvagem, John, e que sua forma de resistência era a literatura; Shakespeare, especificamente. John, por meio do conhecimento e da espiritualidade, provavelmente almejava encontrar o lugar onde, segundo Huxley (1946), espíritos são possivelmente expressos e experienciados seus valores. Nem a vida considerada utópica nem a selvagem trouxeram isso a John.

O tema de *Admirável Mundo Novo*, como apontado por Huxley (1946), não é o avanço da ciência em si, mas suas consequências sobre nossas vidas. O autor (1946) declara que, se fosse reescrever esse livro, traria uma terceira alternativa para John e em consequência para a humanidade: a de alcançar a sanidade de espírito. Uma comunidade onde a economia fosse descentralizada e a política cooperativista, a ciência e a tecnologia usadas a favor do homem, a religião como busca da divindade transcendente e a filosofia de vida como uma espécie de “Utilitarismo Superior”, no qual os atos individuais e sociais seriam orientados para um objetivo final do homem: Deus.

Consoante ao pensamento desse grande escritor, ao confirmarmos vários aspectos do mundo novo em nosso mundo atual e refletirmos que muitos outros acontecimentos daquele mundo podem vir a se tornar possíveis e existentes no nosso, constatamos que uma profunda revolução se faz urgente e necessária. Contudo, como pontuado por Huxley (1946), essa “revolução verdadeiramente revolucionária” não poderá acontecer se não for de dentro para fora, reivindicadora e provocadora de uma intensa reviravolta interna. A fim de atingir e se processar no mundo exterior, primeiramente, ela precisa tocar a “alma e a carne” do gênero humano.

## REFERÊNCIAS

- BERARDI, F. *Depois do futuro*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- BOZZOLLA, A.; TISDALL, C. *Futurism*. London: Thames and Hudson, 1977.
- DALRYMPLE, T. *Nossa cultura... ou o que restou dela*. Trad. Maurício Righi. São Paulo: É Realizações Ed, 2015.
- HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. Trad. Lino Vallandro, Vidal Serrano São Paulo: Globo, 2014.
- MARTINS FILHO, A. J. Entre o visível e o invisível: reflexões acerca de um admirável mundo novo. *Revista ORG&DEMO*, Marília, v. 4, p. 97-116, 2003.
- PERLOFF, M. *O momento futurista*. Trad. Sebastião Uchoa leite. São Paulo: Edusp, 1993.

SUTHERLAND, John. *Uma breve história da literatura*. Trad. Rodrigo Breuning. Porto Alegre: L&PM, 2017.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.